



O Associativismo Negro no Vale do Paraíba - A História do Clube Palmares de Volta Redonda

Black Associativism in the Paraíba Valley – The History of the Palmares de Volta Redonda Club

Asociativismo Negro em el Valle de Paraíba - La Historia del Club Palmares de Volta Redonda

Jéssica Lopes de Assis [*]

[*] Graduada em Licenciatura em História. "Projeto Vale do Paraíba em Fontes Primárias" da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Contemporâneo. Mestranda no Programa de Pós-graduação de História da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: jlops13@outlook.com

Resumo: O presente artigo tem como principal objetivo, analisar o processo de formação do Clube Palmares, em 1965, ou seja, dentro do contexto da ditadura militar recém instaurada no país. O ponto de partida desta análise, além de expor a invisibilidade do clube por meio do mito da democracia racial, é compreender como um espaço associativo formado por e para pessoas negras conseguiu se manter na cidade de Volta Redonda que, durante este período, foi considerada Área de Segurança Nacional. Para contribuir com o debate, vamos utilizar o jornal institucional da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN, *O Lingote*, e entrevistas do documentário “*Palmares: o povo negro pode dançar*”, do historiador Thompson Clímaco.

Palavras-chave: Associativismo, Ditadura, Racismo.

Abstract: The main objective of this article is to analyze the process of formation of Clube Palmares, in 1965, that is, within the context of the military dictatorship recently established in the country. The starting point of this analysis, in addition to exposing the club’s invisibility through the myth of racial democracy, is to understand how a space associative formed by and for black people manage to remain in the city of Volta Redonda, which, during this period, was considered an area of National Security. To contribute to the debate, we will use the institutional newspaper of the Companhia Siderúrgica Nacional – CSN, *O Lingote*, and interviews from the documentary “*Palmares: the black people can dance*”, by historian Thompson Clímaco.

Keywords: Associativism, Dictatorship, Racism.

Resumen: El objetivo principal de este artículo es analizar el proceso de formación del Clube Palmares, en 1965, es decir, en el contexto de la dictadura militar recientemente instaurada en el país. El punto de partida de este análisis, además de desenmascarar la invisibilidad del club a través del mito de la democracia racial, es comprender cómo un espacio de asociación por y para negros logró permanecer en la ciudad de Volta Redonda, que en este período fue considerada un área de

Seguridad Nacional. Para contribuir al debate utilizaremos el periódico institucional de la Compañía Siderúrgica Nacional – CSN, *O Lingote*, y entrevistas del documental “*Palmares: los negros saben bailar*”, del historiador Thompson Clímaco.

Palabras clave: Asociativismo, Dictadura, Racismo.

Introdução

A história de Volta Redonda está intimamente relacionada ao processo de criação da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN. Após a sua emancipação, em 17 de julho de 1954, Santo Antônio de Volta Redonda, antigo distrito de Barra Mansa, passou por um intenso fluxo migratório e pelo inchaço das favelas. Segundo Regina Moreira, ao se basear em outros autores,

o processo de ocupação de Volta Redonda gerou uma malha urbana descontínua e rarefeita, com grandes vazios e áreas urbanas enquistadas, subindo os morros e instalando-se em pequenas áreas de baixada. Não apenas as características físicas definiram tal ocupação, mas também, e principalmente, o fato de as melhores terras estarem nas mãos da CSN e de alguns fazendeiros[1].

A Cidade do Aço foi planejada para seguir a hierarquia de dentro da CSN: os bairros que continham uma boa infraestrutura, seriam destinados àqueles que ocupassem cargos mais altos; para àqueles que possuíam baixa qualificação, restariam os bairros com pouca ou nenhuma infraestrutura[2]. É evidente que esta divisão socioespacial iria se refletir nas formas de lazer oferecidos à população, de forma geral, e para a população negra, de forma específica.

A análise da segregação residencial de Volta Redonda, mesmo que de forma geral, é de suma importância para este trabalho, pois, o Clube Palmares está localizado no bairro Jardim Europa, considerado atualmente de classe média alta e majoritariamente branca.

O processo de transformação de Volta Redonda em Área de Segurança Nacional veio com a edição do Ato Institucional nº 3, estabelecendo eleições indiretas para governador e vice-governador. No art. 4º ficou estabelecido que:

os municípios das capitais passariam a ser nomeados pelos governadores estaduais a fim de evitar frustrações dos superiores objetivos da ‘revolução’ (aspas minhas) e a fim de preservar a tranquilidade e a harmonia política e social do país[3].

O então presidente da República, Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967), pretendia colocar nos postos-chaves estaduais e municipais homens que garantissem a continuidade do sistema implantado em 1964. Mas, apesar do AI-3 permitir a eleição indireta no município de

Volta Redonda, a cidade só seria declarada Área de Segurança Nacional a partir do Decreto-lei nº1.273, de 29 de maio de 1973, o que denota um espaço de tempo significativo[4].

A cidade de Volta Redonda, mediante seu longo processo de transformação e desenvolvimento industrial, seria também, junto à cidade de Barra Mansa, interior do estado do Rio de Janeiro, cidades estratégicas para o regime militar. Barra Mansa era sede do Iº BIB – Batalhão de Infantaria Blindada e vizinha das cidades de Volta Redonda que foi Área de Segurança Nacional por ser sede da CSN e Resende, sede da maior academia militar da América Latina, a Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN. De acordo com Fabíola Souza, “é necessário se atentar ao fato de que estes municípios se localizam entre os estados mais importantes do Brasil: Rio de Janeiro e São Paulo e, essas variáveis fizeram a região relevante para o regime” [5].

Os termos “anos de ouro” e “anos de chumbo” trabalhados por Janaína Martins Cordeiro demonstra perfeitamente o paralelo vivido durante os vinte e um anos de regime. Os anos de ouro seriam, de acordo com ela, “a fase dos anos iniciais da ditadura onde houve um expressivo crescimento da economia, discursos sobre a necessidade de um projeto de integração nacional e celebrações caracterizadas como ‘encontros cívicos’” [6]. “Coabitando no mesmo período, os anos de chumbo, traria consigo a edição do Ato Institucional nº5, perseguições, prisões, mortes e exílios” [7].

E a nós fica o seguinte questionamento: o Clube Palmares, mediante a estes acontecimentos, viveria os anos de ouro ou os anos de chumbo no momento em que foi fundado? Apesar do termo ditadura não ser mencionado nas entrevistas analisadas, existiram outras formas de violência que assolaram a população negra como: a exclusão social e a discriminação racial.

O Associativismo Negro no Vale do Paraíba

De acordo com as historiadoras Lucia Helena Silva e Regina Xavier,

podemos entender o associativismo como diversas formas de agenciamento da comunidade negra no exercício da organização e apoio para melhores condições de vida. Ele podia vir de uma relação de amizade, uma ajuda na obtenção de direitos, denúncia da exclusão, enfim podia englobar uma série de atividades coletivas como a criação de jornais, clubes, escolas, apoio à religiosidade e toda uma série de manifestações em favor da defesa e promoção do grupo[8].

É por questões como estas que precisamos pensar o Clube Palmares como um espaço associativo negro, ou seja, é necessário discutir os principais objetivos da comunidade negra, em geral, que passou por um processo não apenas de exclusão social, mas de apagamento histórico e

cultural ao longo dos anos e se viu diante de situações em que se fez necessário criarem uma rede de apoio para reivindicar por seus direitos.

Em primeiro lugar, muitos estudos apontam uma dificuldade de ser definir o associativismo negro, pois, de acordo com a visão de Jonatas Ribeiro, “sua definição é elástica e está ligada a determinantes, como tempo e espaço” (RIBEIRO, 2018, p.55). Mas, o Associativismo no século XX pode ser considerado como um dos responsáveis por despertar a organização negra, evidenciando a busca desses protagonistas por um lugar respeitado na sociedade em que viviam e cujos seus descendentes ainda vivem. Para Petrônio Domingues,

o conjunto dessas experiências constitui o “associativismo negro”, que consiste na articulação de mulheres e homens africanos e seus descendentes em torno de uma atividade ou instituição no espaço público, tendo em vista o fazer coletivo em nome do grupo que procuram representar. Surgiu e se desenvolveu ainda no período escravista, tendo adquirido novas configurações, dimensões e capilaridade no decurso do pós-abolição (DOMINGUES, 2023, p.3).

A historiadora Fernanda Silva, que teve como objeto de pesquisa o associativismo negro em Pelotas, Rio Grande do Sul, expôs que,

os anos 30 no Brasil representaram um marco para o associativismo negro, pois ainda que esses espaços fossem voltados para o lazer, incluiu em suas atividades a preocupação com a situação social dos negros durante esse período. Os negros buscaram assim possibilidades de estarem entre os *seus* em princípio não referenciando espaços físicos determinados. Buscava-se então conviver com os seus comuns, os quais apresentassem *costumes em comum* ou objetivos semelhantes, a fim de manterem laços de identidade com os *seus* (SILVA, 2011, p.31).

Mas, é preciso fazer uma ressalva quanto a motivação para a formação destes espaços,

entende-se que a necessidade de reagir ao “preconceito de cor” foi uma das principais causas para a emergência do associativismo negro. No entanto, esse fazer coletivo não teve apenas um caráter reativo. Isto é, posicionar-se contra a discriminação racial não foi a única motivação que levou a população negra a investir no associativismo. Também havia a expectativa de autonomia, para não dizer autodeterminação, de viver por si como forma de solidariedade social semelhante à experiência de outros grupos étnicos (DOMINGUES, 2023, p.3).

Ao longo do tempo, os Clubes Sociais Negros constituíram-se como lugares de negros empoderados pela mobilidade social proporcionada pelo trabalho remunerado e, seriam considerados espaços exclusivos para a prática do associativismo negro. O termo é contemporâneo

e, foi elaborado por Oliveira Silveira[9] e os integrantes da Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros dos Estados do RS, SC, SP, RJ e MG, onde ficou definido que

os Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio[10].

As reuniões do Clube Palmares, antes de obter seu próprio espaço, eram realizadas na sede administrativa do Guarani Esporte Clube[11]. De acordo com Dona Eunice Nazário, em entrevista realizada por Gladys Guimarães e utilizada no documentário de Thompson Clímaco (2022), essas reuniões eram utilizadas para se debater sobre o racismo nas práticas de lazer e sociabilidade na cidade de Volta Redonda. Eunice começou a entrevista contando que:

[...] a CSN arrumava tudo para os seus operários, então tinha também um clube de lazer para os operários. Os operários que mantinham [o clube], tinham carteirinha, mantinham o clube. Iam lá trabalhavam, arrumavam, tudo bonitinho. [...] Eles começaram a segurar a carteirinha dos negros, aí começaram a tirar os negros. Não permitiam mais a entrada[12].

Eunice, questionada por Gladys sobre quais clubes passaram a proibir a entrada de pessoas negras, disse que era apenas um, porém, não quis falar o nome para não lhe causar problemas. Em seguida falou: “mas todo mundo aí vai lembrar, foi o primeiro clube que era dos operários” [13]. Ao utilizarmos a “função do não-dito” como transmissão de lembranças (POLLAK, 1989), podemos levantar a hipótese de que ela poderia estar se referindo ao Clube Náutico e Recreativo Santa Cecília, fundado em 1948, para técnicos e funcionários de baixa qualificação da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN[14].

Sobre este mesmo clube, João Laureano relatou o seguinte:

O Náutico me deixou um mal muito grande, porque eles fizeram uma covardia muito grande, enorme com a gente. Eu morava no acampamento central, então o galpão lá era a área de lazer do pessoal [do acampamento]. O Náutico foi fundado no escritório, era o pessoal do escritório. Então, como a CSN estava expandindo e precisaria desmanchar os barracos, o Náutico veio para o acampamento central no barraco onde era nossa área de lazer e disse que ia acolher todos os moradores do bairro. Ai viramos sócios do Náutico[15].

E continuou falando em outro trecho:

[...] Eu tinha uma namorada na época e outras três colegas brancas, elas ouviram um dia no banheiro das mulheres e disseram: “olha, disseram que o Náutico tá ficando muito bom, mas tem muito negro e está parecendo gafeira⁶. [...] Tá pensando que ser negro é fácil? (risos)[16].

Ao final, Laureano disse que, além de ser demitido do Náutico por denunciar o preconceito, o clube passou a impedir a presença de suas dependentes[17]. Através destes dois relatos, podemos supor que havia uma noção de que o comportamento do negro era inadequado para o clube mencionado visto que, em outro momento, João Laureano contou que Nazário Dias foi demitido do Náutico por tocar tamborim[18] em uma escola de samba[19].

O Samba, assim como a Capoeira, a Umbanda e o Candomblé, também passou por um processo de aculturação e assimilação e, de acordo com Abdias Nascimento esses conceitos “sempre colocaram a cultura africana em confrontação com o sistema branco e dominante” [20]. Através do discurso de democracia racial, amplamente difundido no regime militar, “o racismo estilo brasileiro se institucionalizou eficazmente e se tornou difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural do país” [21]. Nascimento ainda concluiu que “a ‘sobrevivência’ de traços culturais africanos foram perigosamente manipulados por estudiosos para servir como ‘demonstração’ da essência não-racista e ‘harmoniosa’ da civilização brasileira” [22].

No momento em que o Clube Palmares foi criado, “o Movimento Negro teve sua luta política temporariamente derrotada após o golpe militar, quando os militantes foram acusados de criar um problema que supostamente não existia: o racismo” [23]. Sendo assim, o que se seguiu ao dia 1º de abril de 1964 ficou marcado na história brasileira por se tratar de um período de perda de direitos políticos, perseguições e torturas, de maneira geral. Mas, a ditadura militar pôde ser sentida e vivenciada de diversas formas por setores sociais diferentes, principalmente se tratando da população negra.

Em primeiro lugar, optamos por adotar o termo ditadura militar, de Carlos Fico, sem o acréscimo do civil, pois, de acordo com o mesmo, “existiam interferências diretas dos militares na política brasileira antes de 1964” [24]. Ele argumenta que “se a preparação do golpe foi de fato ‘civil-militar’, no golpe, propriamente, sobressaiu o papel dos militares” [25]. Além das movimentações de tropas, desde o início do regime foi indiscutível a preponderância dos militares, em detrimento das lideranças golpistas civis[26].

Adotar o termo “ditadura militar” de Carlos Fico, é colocar em evidência a trajetória destes personagens que se declaravam vencedores e responsabilizá-los pelo silenciamento e apagamento daqueles que foram considerados vencidos pela chamada “revolução de 1964” (aspas minhas).

Em segundo lugar, ao compararmos o governo autoritário de Getúlio Vargas e a Ditadura Militar, de modo generalizado, nota-se que ambos tinham como ideologia a construção da imagem do Brasil como país do futuro através da força de trabalho e da obediência sistemática dos operários. Para marcar ainda mais esta semelhança, a política de comunicação social da agência de

propaganda da ditadura constava, também, como diretriz “o respeito à ordem moral e espiritual e os valores positivos: o amor à pátria, a coesão familiar, a dedicação ao trabalho e a dignificação do homem” [27].

Outra semelhança que podemos notar é que, até o início dos anos 1970, a busca de singularidade por meio da teoria das três raças iria compor a propaganda política da época, visando uma concepção nacionalista da cultura brasileira e na valorização da mistura racial e, um dos elementos utilizados pela ditadura militar seria de que: “o Brasil tinha elementos positivos para estabelecer uma democracia popular, repulsa pela hierarquia, falta de base para o preconceito de cor” [28]. A “gilbertarização” do país nesse período contribuiria para tornar a sociedade sem antagonismos e sem conflito social[29].

Dentro deste contexto e de acordo com a sua Ata de Fundação, o Clube Palmares foi criado no dia 31 de janeiro de 1965, em reunião realizada às dez horas da manhã e com término ao meio dia e meia, do Guarani Esporte Clube, mencionado anteriormente[30]. Entre os presentes, estavam os três idealizadores e fundadores: João Estanislau Laureano, operário negro da CSN; Nazário Ernesto Dias, engenheiro negro da Companhia; e Maria da Glória Oliveira, mulher negra que foi professora e amiga de Nazário na época de escola[31].

Em seguida, ainda na reunião de fundação, foi feita uma votação em que concorreram cinco possíveis nomes e suas respectivas cores, propostos pelos seus sócios: Clube Palmares – cores verde e branca; Clube Operário – cores preta e branca; Clube dos Fenianos – cor não mencionada; e Clube 17 de Julho – cor não mencionada[32]. E, o nome “Clube Palmares” com suas cores verde e branca levou a maioria dos votos, foram quatorze votos no total[33].

Na Certidão do Clube Palmares, ficou estabelecido que suas finalidades seriam:

promover reuniões de caráter social, atléticas, educacionais e cívicas; difundir entre seus associados a prática dos desportos – em geral; e desenvolver o intercâmbio social, cultural e desportivo com sociedades com gêneros nacionais e estrangeiros[34].

Inicialmente, sob a direção do Sr. Lúcio Andrade, o intuito era elevar a cultura do negro além de realizar outras atividades como ceder o espaço para a entrega formal de diplomas aos adolescentes e aos diplomados sócios do clube, um incentivo e apoio à formação acadêmica.

Sobre “elevar o negro”, isso fica explícito quando localizamos nas documentações que o cargo vem junto ao nome do associado, por exemplo: Engenheiro Nazário Dias e Engenheiro José Elias, traduzindo o objetivo do clube nos primeiros anos de funcionamento e, aparentemente uma espécie de respeito e orgulho pelo título alcançado.

Na década de 1970, auge da ditadura brasileira e dos movimentos civis norte-americanos, a nova geração de palmarinos - como se autodenominavam, sentiu-se motivada pelas visões e ideais antirracistas, politizadas e combativas. Passaram então a trabalhar com os jovens a conscientização de que deveriam estar inseridos em uma entidade negra e que atuasse também politicamente.

O Clube Palmares, até o momento presente desta pesquisa, era a única referência de espaço associativo formado por negros e para pessoas negras da região do Vale do Paraíba, então acolhia pessoas não só de Volta Redonda e Barra Mansa, mas, também, de outras cidades. No final da década de 1980 devido a conflitos de ideais entre a antiga geração e os novos associados, os primeiros passaram a abandonar o clube e o mesmo começou a entrar em declínio até quase sucumbir completamente[35].

Após a regulamentação do funcionamento do clube, era preciso arranjar um espaço que fosse sua sede e foram várias lutas para se firmar como entidade oficial. João Laureano contou em entrevista que quando ele e Maria da Glória se dirigiram à CSN para reivindicar por um terreno por não serem aceitos nos clubes existentes, foram acusados de fundar um clube racista e que em Volta Redonda não existia preconceito[36].

Desde o início do processo de formação da cidade de Volta Redonda, era comum a CSN ceder terreno para a construção de espaços de lazer para seus funcionários e dentre os clubes que receberam esse benefício estão: o Clube dos Funcionários da CSN, o Clube Umuara e o Clube Náutico e Recreativo Santa Cecília[37]. E, assim como os bairros eram divididos de acordo com o cargo ocupado, o lazer também tinha um caráter segregacionista.

Fábio Araújo salientou que,

os clubes sociorrecreativos fomentados pela Companhia seriam como instrumentos de políticas de lazer, uma forma de forjar a identidade coletiva e subjetiva através do entretenimento de massa e da propaganda do governo, promovendo a “família siderúrgica” [38].

Por “família siderúrgica”, o conceito foi adotado pela CSN durante o Estado Novo, pois, naquele período, “o povo constituiria a ‘família’, protegida pelo Presidente, o ‘pai dos pobres’, expressando a relação de tutela e os laços corporativos entre Estado e a classe trabalhadora” [39]. Segundo Morel, “a ‘vida útil’ da ‘família siderúrgica’ durou da ‘corrida do aço’, em 1946, até meados da década de 1950, quando a CSN abriu mão do caráter paternalista e iniciou o desmonte gradual de sua estrutura assistencialista” [40].

Angela Brêtas, ao analisar o trabalho e a recreação no período de 1943 a 1945 entendeu que

há uma expressiva interação entre os modos de vida considerados moral, social e culturalmente aceitáveis, baseados nos valores das classes dominantes e os estilos de vida dos jovens moradores de favelas e da periferia das grandes cidades são calcados num cotidiano considerado, por várias razões, inadequados[41].

E quais seriam estes modos de vida “inadequados” (aspas minhas)? A saber, o próprio Estado criou aparatos repressivos para inibir a liberdade de expressão da população em geral durante os governos autoritários no Brasil. Porém, existiram formas específicas de coibir a população negra e suas manifestações culturais mesmo antes do Estado Novo ser implantado quando, por exemplo, uma lei datada de 1934, colocou líderes umbandistas e candomblecistas sob a jurisdição do Departamento de Tóxicos e Mistificações da Polícia do Rio de Janeiro, na seção de Costumes e Diversões, que lidava com problemas relacionados com álcool, drogas, jogo ilegal e prostituição[42]. Alguns anos mais tarde, em 1941, o Estado através do Decreto-Lei nº 3.688, iria enquadrar a Capoeira para mantê-la sob a vigilância policial na Lei de Contravenção Penal[43].

Então, sabendo que o Estado sempre perseguiu a população negra, tratando sua cultura como ameaça à sociedade e aos “bons costumes” (aspas minhas), se construiu no imaginário social que o modo de vida inadequado seria o modo de vida do negro. Como, por exemplo, o caso em que Nazário Dias foi expulso do quadro de associados do Náutico por tocar tamborim em escola de samba.

Era, portanto, fundamental que se buscasse ordenar o tempo de repouso do operário através do lazer, pois se acreditava que condições de trabalho nocivas o levariam a buscar distrações perniciosas como jogos de azar, a prostituição e o alcoolismo, por exemplo. De acordo com Brêtas,

o acesso a atividades culturais diferenciadas como música, literatura, teatro, cinema, dança e esportes, poderia possibilitar aos trabalhadores o acesso a conhecimentos que, de certo modo, poderiam lhes dar novas chances de melhor compreender o mundo[44].

Como mencionado, as primeiras reuniões do Palmares aconteciam na sede do Clube Guarani. Mas, de acordo com Eduardo Terra, João Pereira, Marcelo Melgaço, Márcia Santos e Ranielly Ferreira, estudantes de História que fizeram uma breve pesquisa sobre o CluPalmares, as reuniões aconteciam em outros lugares como a residência de seus associados ou às vezes,

aos domingos, em salas de aula do Colégio Trajano de Medeiros, hoje Colégio Manuel Marinho. Ao se instalar em uma sala alugada na Avenida 17 de julho, no Aterrado, permaneceu até 1975, quando a Sede foi transferida para Rua Roma s/nº no Jardim Europa[45].

E aparentemente o Clube Palmares não foi bem recebido no referido bairro, pois, ao murar o terreno comprado, os moradores fizeram um abaixo-assinado dizendo que o local, que imaginavam ser transformado em praça para as crianças e para os mais velhos, estava sendo tomado por um “grupo de samba”, como relatou Laureano[46]. Se no período que estamos analisando, o bairro Jardim Europa era um bairro operário, no momento atual ele é composto pela classe média alta e majoritariamente branca da cidade.

Apesar de tantos clubes, os trabalhadores negros da cidade de Volta Redonda tiveram que fundar um espaço próprio. E por que ceder tantos terrenos aos engenheiros e supervisores mediante à quantidade de espaços que já haviam ocupado? Por que proporcionar lazer às pessoas que obviamente não eram alvos da vigilância do Estado? Como mencionado no tópico anterior, João Laureano e Maria da Glória foram à CSN reivindicar por um terreno por acreditarem que, como estes clubes, também mereciam, visto que dois funcionários da Companhia estavam à frente do Clube Palmares, porém não foram atendidos.

Durante a ditadura, período que este artigo se propõe a analisar, o discurso sobre a valorização do lazer ganhou novos significados. É preciso ressaltar que o regime militar abalou e praticamente destruiu o movimento operário brasileiro, mas, a relação entre a Companhia e os clubes-empresa se estreitava cada vez mais ao longo dos anos à medida que eles iam se formando.

De acordo com Humberto Inácio, Hermann Muller, José Falcão e Astrid Ávila,

em meados dos anos de 1970 os sindicatos voltaram a se organizar, com uma vasta lista de reivindicações voltadas especialmente para as questões salariais e de direitos trabalhistas e estes sindicatos relegaram o lazer do trabalhador a um segundo plano[47].

Na visão destes autores, as atividades de lazer era um tipo de instrumento rápido, barato e eficaz para atenuar conflitos internos e, é neste contexto que surge novas maneiras de reordenar o desenvolvimento do lazer-empresa[48]. De acordo com este novo reordenamento, o Estado assumiria o papel de destaque quando identificou nas atividades desporto-recreativas mecanismos de controle da massa trabalhadora através da Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975, que tratou de incentivar essas atividades e instituir normas gerais sobre a prática desportiva no país e a dividiu em quatro categorias: comunitária, estudantil, militar e classista[49]. No Art.36 da referida Lei, sobre as atribuições do Desporto Classista, ficou estabelecido que “qualquer empresa poderá organizar uma associação desportiva classista, com personalidade jurídica de direito privado, integrada, exclusivamente, pelos seus empregados e dirigentes” [50].

Os espaços de lazer de Volta Redonda surgiram anos antes da lei citada e já possuíam vínculos com a CSN por causa de seus operários e, aos poucos, a Companhia foi monopolizando os

mesmos em troca de vendas de terrenos para sua construção, salvo o Recreio do Trabalhador, que foi criado sob os moldes da Companhia por ter nascido da relação entre a empresa e o Estado para cumprir a função de disciplinar os operários[51].

O Clube Palmares teve em seu quadro de associados, não só trabalhadores negros, mas, também, os simpatizantes às suas causas” [52]. É comum associar o clube ao operariado negro da CSN por ter sido fundado por dois deles. Mas, talvez, por trabalhadores negros, possamos imaginar que a composição deste espaço fosse além do chão de fábrica, visto que além de João e Nazário, contou com a presença da professora Maria da Glória na sua idealização.

E quais eventos eram promovidos pelo Clube Palmares? Como a imprensa local o tratava? Seus eventos eram noticiados?

“O povo negro pode dançar”

Como foi mencionado, a emancipação política de Volta Redonda veio somente anos mais tarde, mas no início das obras da CSN, em 1941, já era possível antever a cidade que começava a se formar.

Em 1942, foram instalados a primeira agência bancária da cidade e os primeiros clubes: o dos Funcionários e o Clube Umarama. No ano seguinte, seria a vez do Hotel Bela Vista, Aero Clube de Volta Redonda, por exemplo. Um pouco mais tarde, surgiriam os primeiros jornais – *O Trilho*, *O Guarani*, *O Comércio de Volta Redonda* e a *Tribuna de Volta Redonda* –, lançados quase como contraponto aos informativos da empresa, *O Boletim de Serviços da CSN* (1942), *O Boletim da Superintendência de Serviços Sociais da CSN* (1951) e *O Lingote* (1953)[53].

O jornal de circulação interna *O Lingote*, e a Rádio Siderúrgica, fundados no ano de 1955, pretendiam funcionar como elos da “família siderúrgica”, pois eram meios de divulgação das atividades assistenciais e de conquista da cooperação do trabalhador[54].

Aparentemente, na cidade de Volta Redonda, havia um projeto de exclusão, silenciamento e apagamento da população negra em todos os âmbitos: social, econômico e, principalmente, cultural. Através da análise deste jornal institucional – *O Lingote* – em específico, podemos chegar à uma possível conclusão: o lugar demarcado para os negros da Cidade do Aço seria às margens da sociedade. Mas, o Clube Palmares era ativo e bastante conhecido, personalidades importantes do país passaram por lá como o campeão Olímpico de Atletismo Ademar Ferreira da Silva e o sociólogo Edson Carneiro[55].

Para pensarmos na invisibilidade do Palmares, é preciso chamar a atenção para o processo de formação da elite negra do século XX que iria forjar um modo diferente de “ser negro” que não

fosse necessariamente apegada as práticas africanas que estavam totalmente desconectadas do seu momento histórico, ou seja, uma forma moderna, no caso em questão, de serem “pretos modernos”[56].

A “elite negra” procurava, portanto, afirmar-se como negra, mas de forma oposta ao negro pobre dos porões. Procuravam marcar a alteridade e estabelecer suas fronteiras, a partir da afirmação contraditória da condição negra, porém, sob os padrões brancos de conduta social[57].

O Clube Palmares, apesar de permeado por negritudes, buscava alcançar prestígio na cidade sendo composto por uma elite negra, promovendo eventos em que se usavam roupas estilo *Black Tie* ou *sport* fino, as mulheres com cabelos ornamentados em penteados da época, se assemelhando aos clubes vinculados à CSN, mesmo que esse não fosse o objetivo. Era através da vestimenta que eles expressariam a “dignidade negra”, do espírito que se pretendia fino, elevado e culto, contudo, sem mudar a cor[58]. Porém, havia uma barreira que impedia o seu reconhecimento de forma ampla. Vejamos.

Na edição de março de 1965, ano que o Clube Palmares foi criado, *O Lingote* noticiou em sua coluna social sobre o Carnaval nos clubes de Volta Redonda – Náutico, Aero Clube, Comercial, Umuarama e Funcionários, além de festejos do “1º Ano da Revolução” com desfile e Marcha da Liberdade[59]. Neste mesmo ano também aconteceu o “Baile de Debutantes” [60], uma homenagem às debutantes de Volta Redonda oferecida pelo Clube dos Funcionários, cuja patronesse era a senhora Adelaide Faria Pinto da Veiga, esposa do então presidente da CSN, o general Oswaldo Pinto da Veiga[61].

Em outra edição, de novembro e dezembro de 1967, o Clube Náutico fez uma festa para a Imprensa chamada de “Baile da Imprensa” e houve coroação de “Miss Imprensa”. No mesmo ano, o Clube Palmares também estava realizando um concurso de *miss*, como mostra a imagem, mas não foi encontrado nenhum tipo de divulgação no periódico da empresa.

É muito comum encontrar registros de concursos de beleza e bailes de debutante em Clubes Sociais Negros durante o período analisado nesta pesquisa. Para Giacomini,

a participação nestes concursos é acompanhada de uma clara mudança na maneira como o grupo interpreta e procura enfrentar o preconceito racial, revelando, por assim dizer, uma nova estratégia: não se trata mais, apenas de ocupar espaços físicos normalmente não franqueados aos negros, mas também de promover um engajamento através do qual se assegure a participação *como um igual* em situações com caráter explicitamente competitivo [...][62].

No Clube Palmares, além dos concursos para as jovens moças, também havia concurso de “Mini Rainha Palmares”, voltado para o público infantil. Talvez essa fosse uma maneira de

trabalhar a autoestima desde cedo nas pequenas palmarinas. Dessa forma, bailes de debutantes, desfiles, concursos para rainha e outros concursos de beleza que, progressivamente, vão-se tornando rotineiros vinham atender a uma carência, ou preencher uma lacuna, decorrente do preconceito contra os negros[63].

A presença de famílias no Palmares também era muito comum. De acordo com João Laureano, “havia uma carência muito grande, principalmente das famílias, das filhas, as moças. Nós, rapazes, ainda íamos aos bailes que eles ainda chamam de gafieira. Os pais de família, as moças não tinham para onde ir” [64]. E Eunice ainda completou: “nós estamos aqui, batendo um papo na praça. E as famílias? Quem tem filho vai para onde?” [65].

A elite negra organizada que frequentaria esses eventos se aproximava dos padrões das famílias brancas de classe média e, o uso do termo “família” – podemos remeter até mesmo ao termo “família siderúrgica” – tinha referência a um setor privilegiado que se identificava como a “sociedade respeitável” (aspas minhas). Segundo Caulfield, “a ‘família’ se constituía como um sistema simbólico de comportamentos que seriam adequados para se viver em uma sociedade moderna e civilizada” [66]. Giacomini explica que, “é como se a simples presença de famílias estáveis, estruturadas segundo o dominante modelo conjugal monogâmico da família restringida, conferisse ao grupo um atributo de distinção” [67].

O Clube Palmares aparece em apenas duas edições de forma breve e sucinta, mesmo depois de anos de sua fundação. A primeira, na edição de fevereiro de 1967, ano que ocorreu o “Almoço da Amizade”, encontro de confraternização realizado no Dia de Reis para funcionários e ex-funcionários da CSN e que teve a presença do Coral Palmares como presença cultural[68]. Essa mesma edição de 1967 trazia uma coluna com título “Vida Social nos Clubes: Funcionários, Náutico e Umuarama”, noticiando sobre os eventos que estavam acontecendo nesses espaços[69]. Ressaltando que os eventos do Clube Palmares não estavam sendo publicados nestas colunas.

A segunda vez que o clube apareceu foi na edição de janeiro e fevereiro de 1969, quando o embaixador do Senegal, o senhor Henri A. Senghor visitou a cidade para importação de trilhos e proferiu discurso dizendo: “Esta usina siderúrgica de Volta Redonda trabalha, agora, para outra abolição, que atinge a todos nós, a emancipação sócio-econômica desta nação-continente” [70]. O embaixador ainda foi recepcionado no Hotel Bela Vista por várias pessoas, dentre elas, os diretores do Clube Palmares: o engenheiro Nazário dos Santos Dias, Sebastião Marcelino, Lúcio Andrade e Sigerio do Patrocínio[71].

As razões pelas quais o Clube Palmares foi silenciado pelo jornal da CSN está presente nas falas de João Laureano e Eunice Nazário, quando ambos afirmaram abertamente sofrer de discriminação racial por parte do Clube Náutico e Recreativo Santa Cecília.

De acordo com Silvio Almeida, embora haja relação entre os conceitos, racismo difere do preconceito racial. Ainda de acordo com o advogado e filósofo,

o preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias [...]. A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça[72].

Almeida, se baseando em outros estudos, apontou que a discriminação pode ser subdividida em duas categorias: discriminação direta e discriminação indireta. Sobre a primeira, “é o repúdio ostensivo a indivíduos ou grupos, motivado pela condição racial” [73]. Já sobre a discriminação indireta, essa pode ser “marcada pela ausência de intencionalidade explícita de discriminar pessoas” [74].

Através dos relatos dos entrevistados, nota-se que a população negra de Volta Redonda sofria com a discriminação racial direta, e a consequência de práticas de discriminação, seja direta ou indireta, ao longo do tempo leva à estratificação social[75], como foi visto anteriormente. A partir do momento em que o modelo de cidade de Volta Redonda visa respeitar a hierarquia de dentro da Companhia, por lógica, também haveria uma divisão espacial das raças em localidades específicas.

O termo “raça”, ele é bastante amplo e contém algumas implicações, mas, de acordo com Lilia Schwarcz,

é uma categoria classificatória que deve ser compreendida como uma construção local, histórica e cultural, que tanto pertence à ordem das representações sociais – assim como o são fantasias, mitos e ideologias – como exerce influência real no mundo, por meio da produção e reprodução de identidades coletivas e de hierarquias sociais politicamente poderosas[76].

Além das categorias mencionadas de discriminação, existem também categorias que tipificam o racismo em estrutural e institucional. A começar pelo significado de instituição, “são modos de orientação, rotinização e coordenação de comportamentos que tanto orientam a ação social como a torna normalmente possível, proporcionando relativa estabilidade aos sistemas sociais” [77]. Ou seja, “é no interior das regras institucionais que os indivíduos se tornam sujeitos, visto que seus comportamentos são inseridos em um conjunto de significados previamente estabelecidos pela estrutura social”, como observou Almeida[78]. Para finalizar,

[...] O se pode verificar até então é que a concepção institucional do racismo trata o poder como elemento central da relação racial. Com efeito, racismo é dominação. [...] No caso do racismo institucional, o domínio se dá com estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder[79].

A frase “as instituições são racistas porque a sociedade é racista”, mencionada por Almeida, explica que o racismo é parte da ordem social e não algo criado pelas instituições, mas é por elas reproduzido[80]. Porém, como bem salientou Schwarcz: “ninguém nega que exista racismo no Brasil, mas sua prática é sempre atribuída a ‘outro’” [81]. É o caso de João Laureano e Maria da Glória, que foram acusados de fundar um clube racista, sendo que eles eram as vítimas.

O racismo é estrutural em decorrência da estrutura social com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. [...] Mas, pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racista e não é um alibi para racistas[82].

O mito da democracia racial fez a discriminação no Brasil combinar inclusão com exclusão social.

Na música, nos esportes, no corpo da lei, somos um país que sem dúvida inclui e não divide, a partir de critérios raciais. No entanto, se formos aos dados de lazer, trabalho, nascimento, a realidade é outra. Basta entrar nos clubes privados, nos teatros da elite, nos restaurantes luxuosos para perceber a coloração mais branca da população nacional local[83].

Para finalizar este artigo, Grada Kilomba fez uma reflexão sobre os conceitos de “sujeito” e “objeto”, se baseando em bell hooks (1989) e, apontou que “sujeitos” são aqueles que têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades[84]. E definiu como “objetos”, àqueles sujeitos em que a realidade é definida por “outros” - o europeu[85]. Ao resgatar as falas de João Laureano e Eunice Nazário, estamos transformando-os em sujeitos que denunciaram o que estava acontecendo ao seu entorno e, ao criar o Clube Palmares, passaram a definir e afirmar a sua própria identidade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. - São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019, 264p. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

ARAÚJO, Fábio Salgado. **A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e as Políticas Sociais de Lazer para os Trabalhadores: os Clubes Sociorrecreativos**. LICERE –Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, UERJ, 2015, 35 p.

BRÊTAS, Ângela. **O Serviço de Recreação Operária (1943-1945): uma experiência do governo Vargas no campo do não-trabalho**. Cad. AEL, v.16, n.28, 2010, 150-173 p.

BROWN, Diana. **Uma História da Umbanda no Rio**. Tradução Sérgio Lamarão. Cadernos do Iser, vol. 18. P. 09 a 42. Rio de Janeiro, 1987.

CORDEIRO, Janaína Martins. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. Estud. hist. (Rio J.) vol.22, n.43, Rio de Janeiro Jan./June 2009.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. São Paulo, 2007, 122 pp.

_____. **Clubes negros no Brasil: puzzle de um campo emergente**. Mundos do Trabalho, Florianópolis, v.15, 1-22, 2023.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial**. – Santa Maria, RS, 2010, 205 p.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil (1969-1977)**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

_____. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Rev. Bras. Hist. 24 (47), 2004.

FEIO, Steffani Gabrielle de Andrade. **O Grande Baile: O significado do baile de debutantes para jovens belenenses**. Pará, Belém, 2017.

FERREIRA, Flávio. **Os “Pretos Modernos”, um estudo da “Elite Negra” Paulistana e sua atuação na década de 1920**. – UFS, Sergipe, PE, 2010.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube**. – Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; MULLER, Hermann Vinicius de Oliveira; FALCÃO, José Luiz Cirqueira; AVILA, Astrid Baecker. **O lazer nas empresas brasileiras: uma perspectiva histórico-crítica de análise.** *Pensar a Prática*, Goiânia, v.13, n.2, maio/ago. 2010, 13 p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano.** Tradução: Jess Oliveira. -1º. Ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, 248 p.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um racismo mascarado.** Editora PAZ e TERRA S/A, Rio de Janeiro, 1978.

PEREIRA, Juliana da Conceição. **“Com que roupa?” O associativismo recreativo e a questão da moralidade entre trabalhadores do Rio de Janeiro da Primeira República.** Departamento de História – PUC, Rio de Janeiro, 2017.

RIBEIRO, Jonatas Roque. **Vou aprender a ler pra ensinar meus camaradas: associativismo negro e educação no pós-abolição.** *Revista de História e Historiografia da Educação*, Curitiba, Brasil, v.2, n. 5, p.53-75, maio/agosto de 2018.

SANTOS, Isadora Bispo dos. **Negrosul: centro de tradições gaúchas na contramão do racismo: espaços de afirmação, resistência e patrimônio do povo negro.** Santa Maria, RS, 2022.

SILVA, Eduardo Ângelo da. **“Arigós” e “peões” na “Cidade do Aço”: experiências urbanas e fabris, cultura e identidades de classe (Volta Redonda-RJ, 1970-1980).** Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2010, 125 p.

SOUZA, Fabíola Amaral Tomé de. **Umbanda e Ditadura Civil-Militar: relações, legitimações e reconhecimento.** *Revista Angelus Novus*, USP – Ano VII, n.II, pp.13-32, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira.** - 1º ed. - São Paulo: Claro Enigma, 2012.

TERRA, Eduardo Martins; PEREIRA, João Marcelo da Silva; MELGAÇO, Marcelo Andrade; SANTOS, Márcia Cristina da Costa; FERREIRA, Ranielly. **Clube Palmares.** Fundação Educacional Rosemar Pimentel – Faculdades Integradas Geraldo Di Biase. Volta Redonda, RJ, 2004.

- [1]MOREIRA, Regina da Luz. **CSN – Um sonho feito de aço e ousadia**. Rio de Janeiro, 2000, p.86.
- [2]Sobre isso, ver mais em: SILVA, Eduardo Ângelo da. **“Arigós” e “peões” na “Cidade do Aço”: experiências urbanas e fabris, cultura e identidades de classe (Volta Redonda-RJ, 1970-1980)**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2010.
- [3]BRASIL. Ato Institucional nº 3, de 5 de fevereiro de 1966. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-03-66.htm . Acesso em: 07/08/2023.
- [4]BRASIL. Decreto-lei nº 1.273, de 29 de maio de 1973. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del1273.htm . Acesso em: 07/08/2023.
- [5]SOUZA, Fabíola Amaral Tomé de. **Umbanda e Ditadura Civil-Militar: relações, legitimações e reconhecimento**. Revista Angelus Novus, USP – A no VII, n.II, pp.13-32, 2017, p.1.
- [6]CORDEIRO, Janaína Martins. **Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici**. *Estud. hist. (Rio J.)* vol.22, n.43, Rio de Janeiro Jan./June 2009.
- [7]Idem.
- [8]SILVA, Lucia Helena Oliveira; XAVIER, Regina Célia Lima. **Historicizando o associativismo negro: contribuições e caminhos da historiografia**. Florianópolis, 2019, p.2.
- [9]Oliveira Ferreira Silveira, poeta negro brasileiro, nascido em 1941, na área rural de Rosário do Sul, Estado do Rio Grande do Sul. Graduado em Letras - Português e Francês com as respectivas literaturas – pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Ativista do Movimento Negro, idealizador do “20 de novembro” como Dia Nacional da Consciência Negra e idealizador do Movimento Clubista.
- [10]Sobre isso, ver mais em: Ata da Reunião da Comissão Nacional de 29 de fevereiro de 2008. Disponível em: <https://clubesnegrosbr.blogspot.com/>. Acesso em: 22/11/2023.
- [11]O Guarani Esporte Clube foi fundado por trabalhadores da CSN em 1944 e, sua sede administrativa estava situada no edifício Justino Molica, sala 323, na Praça Brasil em Volta Redonda. Eunice, na referida entrevista à Gladys, contou que seu marido Nazário Dias foi secretário e também jogava futebol neste espaço. Trecho retirado em: **Palmares: o povo negro pode dançar**, de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo> .
- [12]Trecho retirado em: **Palmares: o povo negro pode dançar**, de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo> .
- [13]Idem.
- [14]Idem.
- [15]Trecho retirado em: **Palmares: o povo negro pode dançar**, de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo> .
- [16]Idem.
- [17]Idem.

[18]É um instrumento de percussão constituído de uma membrana esticada, em uma de suas extremidades, sobre uma caixa de ressonância, normalmente confeccionada em metal acrílico ou PVC. No Brasil, é utilizado nos ritmos de origem africana, como a batucada, o samba e o cucumbi.

[19]Trecho retirado em: **Palmares: o povo negro pode dançar**, de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo>.

[20]NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro, 1978, p.94.

[21]Ibidem, p.93.

[22]Ibidem, p.105.

[23]DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. São Paulo, 2007, p. 111.

[24]FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Rev. Bras. Hist. 24 (47), 2004.

[25]Idem.

[26]Idem.

[27]FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil (1969-1977)**. Rio de Janeiro, 1997, p.45.

[28]Ibidem, p.34.

[29]Carlos Fico cita o termo “Gilbertarização” fazendo referência à teoria de Gilberto Freyre em Casa-grande & Senzala (1933) sobre a harmonia entre as três raças no Brasil. Sobre isso, ver mais em: FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil (1969-1977)**. Rio de Janeiro, 1997.

[30]**Ata de Fundação do Clube Palmares**. Volta Redonda, 4 de abril de 1973. Centro de Documentação Edson Daniel João “Mister”. Volta Redonda, RJ.

[31]Idem.

[32]Idem.

[33]Idem.

[34]**Certidão do Clube Palmares**. Volta Redonda, 28 de abril de 1970. Centro de Documentação Edson Daniel João “Mister”. Volta Redonda, RJ.

[35]Neste trabalho, focalizamos nossas análises nos anos iniciais do clube em decorrência da debilidade de fontes primárias do início das décadas de 1970 e 1980, períodos em que o Clube Palmares foi mais combativo em relação à ditadura militar.

[36]Sobre isso, ver mais em: **Palmares: o povo negro pode dançar**, de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo>.

[37]Sobre isso, ver mais em: ARAÚJO, Fábio Salgado. **A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e as Políticas Sociais de Lazer para os Trabalhadores: Os Clubes Sociorrecreativos**. LICERE – Revista Do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer; 18 (3), 2015.

[38]ARAÚJO, Fábio Salgado. **A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e as Políticas Sociais de Lazer para os Trabalhadores: os Clubes Sociorrecreativos**. LICERE –Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, UERJ, 2015, p.6.

[39] SILVA, Eduardo Ângelo da. **“Arigós” e “peões” na “Cidade do Aço”:** experiências urbanas e fabris, cultura e identidades de classe (Volta Redonda-RJ, 1970-1980). Rio de Janeiro, 2010, p.25.

[40]Ibidem, p.34.

[41]BRÊTAS, Ângela. **O Serviço de Recreação Operária (1943-1945): uma experiência do governo Vargas no campo do não-trabalho**. Cad. AEL, v.16, n.28, 2010, p.200.

[42]Sobre isso, ver em: BROWN, Diana **Uma História da Umbanda no Rio**. Tradução Sérgio Lamarão. Cadernos do Iser, vol. 18. p. 09 a 42. Rio de Janeiro, 1987.

[43]BRASIL. Decreto-lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3688-3-outubro-1941-413573-publicacao-original-1-pe.html#:~:text=Lei%20das%20Contraven%C3%A7%C3%B5es%20Penais.&text=Art.%201%C2%BA%20Aplicam%2Dse%20%C3%A0s,n%C3%A3o%20disponha%20de%20modo%20diverso.&text=Art.%202%C2%BA%20A%20lei%20brasileira,contraven%C3%A7%C3%A3o%20praticada%20no%20territ%C3%B3rio%20nacional>. Acesso em: 07/08/2023.

[44]BRÊTAS. *Op.cit.* p.201, 2006.

[45]TERRA, Eduardo Martins; PEREIRA, João Marcelo da Silva; MELGAÇO, Marcelo Andrade; SANTOS, Márcia Cristina da Costa; FERREIRA, Ranielly. **Clube Palmares**. Volta Redonda, RJ, 2004, p.13.

[46]Idem.

[47]INÁCIO, Humberto Luís de Deus; MULLER, Hermann Vinicius de Oliveira; FALCÃO, José Luiz Cirqueira; AVILA, Astrid Baecker. **O lazer nas empresas brasileiras: uma perspectiva histórico-crítica de análise**. Pensar a Prática, Goiânia, v.13, n.2, maio/ago. 2010, p7.

[48]Idem.

[49]BRASIL. Legislação Informatizada - Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975 - Publicação Original. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6251-8-outubro-1975-357712-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 07/08/2023.

[50]Idem.

[51]Sobre isso, ver mais em: ARAÚJO, Fábio Salgado. **O Lazer em Volta Redonda – RJ: dos clubes sociorrecreativos vinculados à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) aos novos investimentos esportivos da prefeitura**. Rio de Janeiro, UERJ, 2013.

[52]TERRA; PEREIRA; MELGAÇO; SANTOS; FERREIRA. *Op.cit.* P.13, 2004.

[53]MOREIRA, Regina da Luz. **CSN – Um sonho feito de aço e ousadia**. Rio de Janeiro, 2000, p.66.

[54]Sobre isso, ver mais em: ARAÚJO, Fábio Salgado. **A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e as Políticas Sociais de Lazer para os Trabalhadores: Os Clubes Sociorrecreativos**. LICERE – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, 18 (3), 2015.

[55]Informações retiradas do site da instituição. Disponível em: <https://www.clubepalmares.org.br/institucional>. Acesso em: 18/07/2023.

[56]O termo “elite negra” será usado sempre entre aspas para lembrar a particularidade da expressão. O grupo social objeto deste estudo, é uma parcela da população negra de São Paulo que recebeu esta denominação por se diferenciar da grande massa dos negros de São Paulo. O critério diferenciador não é exatamente o econômico, pois as pessoas deste grupo estiveram longe de serem os detentores dos meios de geração de riqueza da capital, a maioria trabalhava nos setores burocráticos, domésticos e de serviços. A “elite negra” tinha como principal critério diferenciador das massas, o papel intelectual e cultural desempenhado por seus membros que se engajaram em um projeto sócio-político diverso que pretendia galgar uma ascensão social. Será utilizada também as expressões, “elite de cor”, “escol negro” e “classe de cor”. Sobre isso, ver mais em: FERREIRA, Flávio. **Os “Pretos Modernos”, um estudo da “Elite Negra” Paulistana e sua atuação na década de 1920**. – UFS, Sergipe, PE, 2010.

[57]FERREIRA, Flávio. **Os “Pretos Modernos”, um estudo da “Elite Negra” Paulistana e sua atuação na década de 1920**. – Sergipe, 2010, p.10.

[58]GIACOMINI. *Op.cit.* p.105,2006.

[59]Jornal *O Lingote*, março de 1965, edição nº172. Volta Redonda, RJ.

[60]Os bailes de debutantes promovidos por clubes sociais durante esse período eram considerados um evento que marcava o rito de passagem das adolescentes para a vida adulta. Esse era o momento em que se apresentavam a jovem para sociedade. Podendo depois do evento, participar de ocasiões sociais vestindo-se de forma mais adulta, esse baile ainda tinha a intenção de atrair futuros pretendes para jovem debutante. FEIO, Steffani Gabrielle de Andrade. *O Grande Baile: O significado do baile de debutantes para jovens belenenses*. - Pará, Belém, 2017.

[61]Idem.

[62]GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – O Renascença Clube*. Belo Horizonte, 2006. p.103.

[63]Ibidem, p.98.

[64]Trecho retirado do documentário “*Palmares: o povo negro pode dançar*” de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo>.

[65]Idem.

[66]PEREIRA, Juliana da Conceição. **“Com que roupa?” O associativismo recreativo e a questão da moralidade entre trabalhadores do Rio de Janeiro da Primeira República**. Rio de Janeiro, 2017, p.41.

[67]GIACOMINI. *Op.cit.* P.56, 2006.

[68]Jornal *O Lingote*, fevereiro de 1967, nº 191. Volta Redonda, RJ.

[69]Idem.

[70]Jornal *O Lingote*, janeiro/fevereiro de 1969, edição nº209. Volta Redonda, RJ.

[71]Idem.

[72]ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo, 2019, p.18.

[73]Ibidem, p.19.

[74]Idem.

[75]Idem.

[76]SCHWARCZ, Llia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo, 2012, p.34.

[77]ALMEIDA. *Op.cit.* p.21,2019.

[78]Ibidem, p.22.

[79]Ibidem, p.23.

[80]Ibidem, p.27.

[81]SCHWARCZ. *Op.cit.* p.31, 2012.

[82]ALMEIDA. *Op.cit.* p.29,2019.

[83]SCHWARCZ. *Op.cit.* p.111-112, 2012.

[84]KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro, 2019, p.28.

[85]Idem.

Submetido em 31 de agosto de 2023. Aprovado em 30 de novembro de 2023.

DOI: <https://doi.org/10.34019/2359-4489.2023.v9.41801>

Como citar: Assis, Jéssica Lopes de. O Associativismo Negro no Vale do Paraíba - A História do Clube Palmares de Volta Redonda. *Revista Faces de Clio*, v.9, n.18, p. 32-53.